

JORNAL: Coureo da Manhã LOCAL: Quamalara

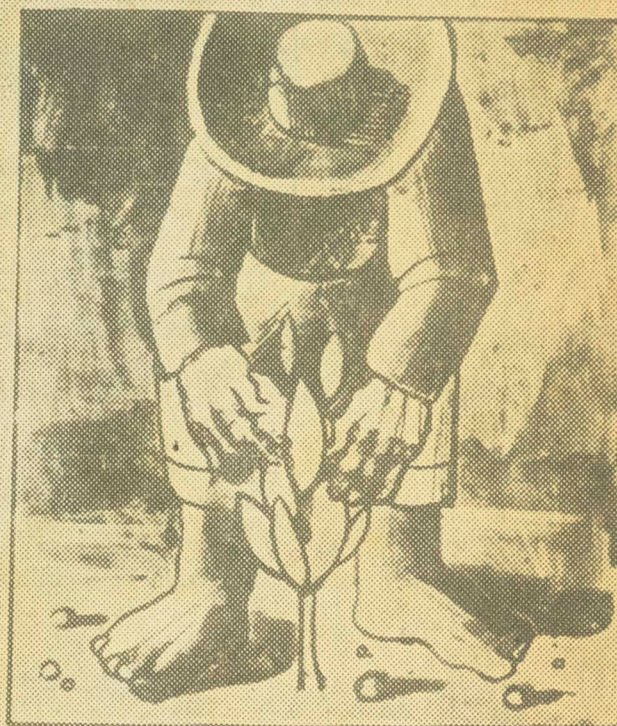
DATA: 06/11/1971 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: Arte em livro de bolso.

ASSUNTO: Biografia de artistas: livro de bolso.



## PORTINARI 1



CLAUDIR CHAVES, edicoes de arte

Portinari vai ser o primeiro. Depois as obras de Pancetti, Guignard, Tarsila, Bandeira e muitos outros pintores brasileiros vão ser editadas em livros de bolso. A idéia é de Claudir Chaves, da Mini Gallery. Os livros vão custar apenas Cr\$ 3,00.

# Arte em livro de bolso

Claudir Chaves, crítico de arte, estava descontente com sua atividade de só vender quadros caros para umas poucas pessoas. Agora achou uma fórmula de continuar ganhando dinheiro, mas que também vai permitir ao homem comum das ruas aproximar-se, a qualquer hora, em qualquer lugar da cidade, de algo sempre muito distante dele: a arte plástica. Claudir proprietário da Mini Gallery, lança em março, em bancas de revistas das grandes cidades do País, ao preço de Cr\$ 3,00, livros de bolso sobre artistas plásticos brasileiros. Os livros serão todos padronizados, com o mesmo número de páginas, 68 em todos, e 18 ilustrações de reproduções muitas vezes em cores das obras dos artistas. Além das reproduções, algumas em páginas dobradas, os livros terá uma outra parte de verbete, que em inglês e português darão dados biográficos, prêmios dos artistas e uma análise crítica de sua obra. Sobre cada artista haverá uma tiragem de 50 mil exemplares.

O primeiro livro a ser publicado será sobre Portinari e a análise de sua obra será feita pelo crítico Cláudio Valladares. Claudir anuncia que os 12 primeiros números serão sobre grandes pintores brasileiros já falecidos:

Portinari, Segall, Anita Malfati, Raimundo Oliveira, Pancetti, Guignard, Tarsila do Amaral, Heitor dos Prazeres, Bandeira, José Maria, Rapoport. Mas Claudir diz que há muitos artistas brasileiros vivos importantes, cita alguns, Ivan Serpa, Juarez Machado 'esse é um gênio', Augusto Rodrigues 'dá 10 anos de livro de artistas tranqüilo'. E explica por que resolveu editar os livros de bolso:

"Senti aquela necessidade de ajudar a democratizar a arte. Antes eu fazia crítica de arte, depois resolvi fazer a revista GAM, só de artes. Mas tinha aquele negócio de circulação restrita e dificuldade financeira, para arrumar publicidade a gente tinha que pedir por favor. Então não deu certo. Como meu negócio é arte, sempre ligado a ela, falei: vou ganhar dinheiro. E fiz a Mini-Gallery. Bom aqui agora a gente ganha dinheiro mas é frio, não realiza. Vende um quadro por 15, 20, 30 milhões, mas e daí? É privilégio de poucos. Os grandes quadros ficam fechados entre quadro paredes, em grandes mansões. Eu acho que essas grandes obras deveriam ir para o museu para que todos pudessem ver. Eu pensei em vender

gravuras, seria o ideal, mas não dava lucro. Então imaginei o livro de bolso. Vendo quadro aqui na Mini, ganho dinheiro e vou gastar agora nisso, nos livros."

Claudir não esconde o jogo, conta que não há nenhuma novidade nesse seu trabalho, que seus livros são reproduções exatas do mesmo tipo já publicado há muitos anos na Europa. A única diferença é que ele editará sobre artistas brasileiros. Mas diz que está encontrando algumas dificuldades para elaborar a coleção:

"É uma luta com os colecionadores. Alguns são de um egoísmo a toda prova. Não deixar fotografar seus quadros. Querem manter o privilégio de serem os únicos a poderem admirar certas obras. Estou correndo museus, pedindo pelo amor de Deus a alguns particulares para poder fotografar."

### TUDO SOBRE AS ARTES

A história de Claudir Chaves está sempre ligada a uma capacidade de entender e mexer com arte. Seminarista na Bahia, só lia livros sobre arte que era só o que sua mãe lhe levava. Sua família muito rica, de donos de terra e gado em Feira de Santana, era de gente que viajava sempre para a Europa e sempre trazia tudo de lá, dos utensílios domésticos aos livros que a mãe lhe levava nas visitas no seminário. Quando saiu, sua família estava arrumada, e repetindo uma história de dezenas de jovens nordestinos na mesma situação, veio trabalhar no Rio, nos empregos mais humildes: "trabalhei de jornalista, abria caixas de madeiras nas lojas." Mas sempre estudando e vendo arte. Foi ser crítico de artes plásticas do **Diário Carioca**, da **Tribuna da Imprensa** e de **Última Hora**.

Mas a primeira atividade em que deu um incentivo mais direto às artes foi quando voltou à Bahia: fundou a primeira galeria de arte da Bahia, a "Manuel Quirino". Claudir justifica o nome: "Manuel Quirino foi o primeiro crítico de arte brasileiro e era homem do povo, preto."

Em 1964 voltou para a Imprensa, no Rio, mas logo em seguida foi à Europa: "voltei cheio de arte na cabeça". E fundou a revista **GAM**, uma das edições mais completas sobre arte que já se fez no Brasil e que fracassou por problemas econômicos: "era antes de

mais nada polêmica. Consegui manter os críticos no mesmo diapasão, apesar de brigarem muito entre si." Para se ter uma idéia da importância de **GAM**, basta atentar para a constituição do seu "Conselho de Cultura" que coordenava e fiscalizava as matérias, e que tinha entre outros os seguintes nomes: Otto Maria Carpeaux, Antônio Houaiss, Donatello Grieco, José Geraldo Vieira, Sérgio Rodrigues, Carmem Portinho, Paschoal Carlos Magno, Madeleine Archer, Antônio Vieira de Mello, Ferreira Gullar. **GAM** foi editada de 1967 a 1969. Em seguida, a um ano e meio, Claudir fundou a Mini-Gallery, onde expõe e vende obras dos principais artistas vivos brasileiros. Apesar de achar que sua atividade na Mini é "fria" ele tem ali algumas alegrias: "todo dia de manhã recebo grupos de 20 a 30 estudantes, que vêm, alguns com as professoras, olhar os quadros. Mas a solução mesmo é o livro de bolso para popularizar a arte."

Mas para junho do ano que vem Claudir programou uma edição que vai ser completamente inacessível para a maioria absoluta da população será uma obra completa e minuciosa sobre as artes plásticas. Já está pronta a "boneca" do livro (a idéia de sua paginação, aspecto, conteúdo) e justamente por ter um alto custo de produção e trabalho, terá uma tiragem restrita de dois mil exemplares e custará quinhentos cruzeiros cada um para o comprador.

Pelo título "Quem é Quem nas Artes Plásticas" compreende-se a natureza do livro. Haverá reproduções a cores, que poderão ser retiradas dos livros de pessoas, de quadros dos maiores pintores do mundo inteiro em várias épocas. Serão dois mil verbetes, elaborados por Cláudio Valladares, com informações sobre tudo que se refere ao assunto: artistas, críticos, os maiores mecenas das artes, os maiores colecionadores, museus e donos de galeria, a forma pela qual eles fizeram, adquiriram ou negociaram as grandes obras. No que diz Claudir se tem uma idéia da minúcia de "Quem é Quem":

"Gustavo Capanema, por exemplo, ministro da Educação, foi um grande incentivador das artes plásticas no Brasil, abriu caminho e deu oportunidade para muita gente. E ninguém fala dele, mas terá um verbete no livro."